

*O PRIMEIRO DESVELAMENTO
DA NATUREZA*

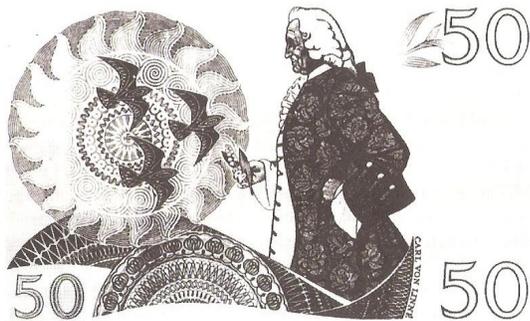
Não consigo imaginar duas pessoas em contato mais íntimo — apenas a mais ínfima fração de milímetro uma da outra — do que as figuras na frente e verso de uma nota de dinheiro. Todos sabemos que a queda da pétala de uma flor reverbera pelo universo inteiro, perturbando a mais distante galáxia; portanto, essas justaposições mais próximas não podem ser destituídas de um significado profundo.

Durante uma visita recente à Suécia, tive o prazer de deparar com a prática européia comum de colocar cientistas, e não um desfile ininterrupto de estadistas, nas notas de dinheiro — Lineu honra duas notas suecas, a Itália ostenta Galileu e a velha libra britânica tinha Newton dando seu apoio à rainha. (Os Estados Unidos homenageiam Jefferson e Franklin, mas, creio, não primordialmente por seus feitos em paleontologia e eletricidade.) No entanto, fiquei intrigado com a justaposição na nota de cinquenta coroas (veja a ilustração): por que Lineu e o rei Gustavo III se encontram tão próximos (eles chegam até a olhar diretamente um para o outro, quando colocamos a nota contra a luz e olhamos ambas as figuras ao mesmo tempo).

Num nível mais imediato, essa união não constitui problema algum: ambos foram suecos eminentes e contemporâneos. Lineu viveu de 1707 a 1778 e Gustavo III, nascido em 1746, reinou de 1771 a 1792. Não havia fortes laços pessoais entre os dois, mas eles certamente apreciavam-se e respeitavam-se mutuamente. O cientista, mais velho, floresceu na atmosfera do Iluminismo sueco, vigorosamente promovido pelo temperamento artístico do rei (que colaborou com uma ópera quando não estava enfronhado em questões de Estado); enquanto o jovem rei auferia o prestígio e a sucessão sem fim de honrarias conferidas ao mais famoso naturalista e erudito da Suécia. Em 1774, depois



1989
9031078835



498

que Lineu sofreu um derrame e perdeu sua lendária capacidade de trabalho, Gustavo enviou-lhe uma coleção de plantas do Suriname, embaçadas em “tonéis de aguardente”. Lineu, segundo a lenda, deixou imediatamente o leito e voltou ao trabalho, descrevendo as duzentas espécies enviadas por Sua Majestade. Quando o cientista faleceu, quatro anos depois, Gustavo louvou-o perante a legislatura sueca: “Perdi um homem que honrou a sua pátria como cidadão digno, sendo celebrado em todo o mundo”.

Mas o princípio das pétalas e galáxias nos diz que alguma outra ligação mais profunda, algo maravilhoso e verdadeiramente hermenêutico, deve também unir os dois homens — e posso dizer que encontrei!

Devemos começar perguntando: Em que circunstâncias a maioria das pessoas de boa instrução (pessoas como vós leitores e este que vos fala) depara com Gustavo III, se nosso conhecimento de coisas suecas possui um tremendo (e lamentável) hiato entre Thor e Ingrid Bergman? A resposta, é claro, é Giuseppe Verdi — pois Gustavo III é o tema de *Um baile de máscaras* (*Un ballo in maschera*). No dia 16 de março de 1792, o rei Gustavo III foi assassinado a tiros durante um baile de máscaras à meia-noite no Teatro da Ópera de Estocolmo. Seu assassino, Jakob Johan Anckarström, representando uma conspiração de nobres contrários às reformas do rei, foi preso, julgado, condenado, açoitado e decapitado — depois que as mãos transgressoras que empunharam a pistola haviam sido cortadas.

Hoje essa ópera maravilhosa é geralmente montada com a ambientação sueca apropriada. Mas não foi assim por ocasião da sua estréia em 1859. Napoleão III acabara de sofrer um atentado e os sempre zelosos censores decretaram que Verdi deveria transferir o local da ação e rebaixar o rei para algum posto menor, a fim de que nenhum assassino em potencial viesse a se inspirar nessa ópera. Verdi não era nenhum estranho a essas interferências oficiais. Sete anos antes, em Veneza, os censores haviam promulgado um édito similar, tendo por alvo sua ópera sobre um bufão chamado Triboulet na corte de Francisco I da França. (Hoje conhecemos a ópera pelo novo nome do bufão, Rigoletto; o rei francês foi rebaixado a duque italiano, que canta “La donna è mobile”.)

Dessa vez, Verdi esmerou-se ainda mais no disfarce, pois transferiu o local da ação para — acreditem se quiser — meu atual lar, Boston (onde essa ópera tornou-se nossa réplica regional anacrônica à ópera

499

posterior de Puccini, *La fanciulla del West*). Gustavo III foi transfigurado, teletransportado e rebaixado à posição do mítico Riccardo, “governador de Boston” em alguma época colonial não especificada. (Boston não tinha governador, embora Massachusetts tivesse. E a idéia de um esplendoroso baile de máscaras no teatro da ópera dessa cidade puritana continua a ser motivo de chacota.) Os conspiradores foram metamorfoseados em um par de vilões chamados Samuele e Tommaso — tradicionalmente representados, devemos ressaltar com tristeza, como índios ou negros.

Desse modo, geralmente só encontramos Gustavo III sob uma dupla camuflagem — primeiro, literalmente mascarado num baile (no qual Anckarström gasta meio ato até encontrá-lo); segundo, ocultado por Verdi, que o transferiu para outro hemisfério e rebaixou-o a governador. Mas agora sei qual a sua profunda ligação com Lineu: também a natureza estava duplamente mascarada quando Lineu a encontrou. E embora só tenha conseguido retirar-lhe o primeiro véu (tivemos que esperar até Darwin para o segundo), desvelar um mundo inteiro deve, sem dúvida, ser considerado um feito maior do que descobrir um rei numa multidão de foliões.

Lineu é certamente reconhecido e respeitado entre os biólogos. Num âmbito maior, ele desenvolveu o sistema de nomenclatura binomial que usamos até hoje (sem nenhuma alteração substancial desde que ele o formulou) para designar e classificar todos os organismos. Num âmbito mais paroquial, foi ele quem batizou a nossa espécie com o nome *Homo sapiens*. No entanto, acredito que sistematicamente subestimamos Lineu, avaliando-o segundo uma noção equivocada de como o conhecimento científico cresce. Vêmo-lo como um grande organizador de informações. No entanto, num sentido importante, também o vemos como um codificador de erros — pois ele acreditava ter classificado a ordem criada por Deus, não (como hoje sabemos) os produtos de um sistema genealógico formado por mudanças evolutivas. Alguns comentadores chegaram até a considerar retrógrado o seu papel, pois as convicções criacionistas de Lineu cancelaram uma tradição popular mais antiga de mutabilidade, às vezes equivocadamente confundida com um antecedente natural da evolução se ele não houvesse intervindo. (Essa antiga tradição popular dizia mais respeito às ocasionais monstruosidades e híbridos estranhos que surgem entre espécies longinquamente aparentadas do que a sistemas ordenados, que

mudam segundo leis naturais. Fábulas sobre bestas mutantes e histórias de viajantes sobre criaturas fabulosas em terras distantes não podem ser qualificadas de teorias evolucionistas prototípicas.)

Nessa visão supersimplificada do progresso científico, avançamos por um caminho de conhecimento cumulativo, guiados pelo método imemorial da observação atenta e lógica implacável. A expressão clássica dessa concepção pode ser encontrada no prefácio de um livro que merece estar na pequena lista de candidatos à maior obra de ciência popular jamais escrita, *The crayfish*, de T. H. Huxley, sua magnífica monografia sobre como ensinar os mais abstrusos princípios da ciência discorrendo sobre os detalhes de um único exemplo — neste caso, a anatomia e fisiologia de um animal comum.

Huxley começa afirmando que “ciência é apenas bom senso extremo, ou seja, é rigorosamente precisa na observação e impiedosa com falácias em lógica”. Em seguida, ele argumenta que o estudo dos organismos percorreu os mesmos três estágios seguidos por todas as ciências: uma fase inicial de coleta de informações sem orientação teórica (Huxley chama esse primeiro estágio de *história natural*, definida como “conhecimento preciso, mas necessariamente incompleto e não metódico”); uma segunda fase de sistematização e organização, ainda sem uma teoria norteadora (chamada *filosofia natural*); e, por fim, o terceiro escalão e clímax sintético da *ciência física*, “o estágio final do conhecimento, em que os fenômenos da natureza são considerados uma série contínua de causas e efeitos”.

Nesse sistema de três etapas, partindo de uma descrição não organizada e chegando a uma interpretação causal, Lineu ocuparia o degrau do meio. Estamos melhor no mundo de Lineu do que no primeiro estágio, pois nosso conhecimento sem método de outrora foi ordenado num esquema coerente. Mas ainda não estamos no apogeu do estágio três, porque não temos uma teoria decente para as causas dessa ordem. Huxley, na realidade, argumentou que esse terceiro estágio havia apenas começado em seu próprio século, após a morte de Lineu e da sua abordagem criacionista: “O esforço consciente de construir uma ciência completa da biologia dificilmente data de antes do [...] começo deste século, tendo recebido seu maior impulso, em nossa própria época, de Darwin”.

Concordo com a maioria dos historiadores modernos da ciência, que consideram essa concepção equivocada e injusta para com nossos

Gould contesta a visão conerit de...
Aplicar a ciência a civilização...
predecessores. Não nego que a ciência progride no sentido crucial de obter explicações cada vez mais precisas e mais abrangentes da realidade empírica, mas dois aspectos da antiga concepção positivista (tão bem exemplificada por Huxley) carecem de validade e estorvam o nosso entendimento: a noção de um método científico imemorial baseado na observação e na lógica rigorosamente objetivas; e a idéia de que sistemas anteriores careciam de teoria ou possuíam teorias erradas porque uma explicação só pode advir de descrições rigorosamente precisas.

Uma ciência destituída de teoria faz quase tanto sentido quanto uma política destituída de valores. Tanto uma como a outra são contradições em termos. Toda reflexão sobre o mundo natural tem que ser alimentada por uma teoria, independentemente de articularmos explicitamente ou não essa estrutura preferida de explicação. Os antigos fabulistas da primeira fase de Huxley tinham uma teoria — ainda que fosse apenas a idéia folclórica de que a luz das estrelas ou um susto tremendo podiam influenciar a forma de um feto no útero. Os taxonomistas da segunda fase de Huxley também tinham uma teoria — a de que Deus criara uma ordem eterna, que a argúcia humana poderia um dia descobrir. Essas teorias podiam estar erradas, mas eram tão abrangentes (e restritivas) na estruturação do conhecimento quanto qualquer sistema posterior mais preciso. O *Homo sapiens* de Lineu é uma máquina pensante (ou um caníção pensante, se optarmos pela metáfora botânica); não podemos coletar informações sem uma teoria que organize nossas buscas e observações.

Além disso, a teoria é sempre — necessariamente — tingida por distorções sociais e psicológicas da cultura de onde provém; não temos acesso a observações totalmente objetivas nem a uma lógica totalmente destituída de ambigüidade. Diante dessa perspectiva, podemos retornar à questão do desvelamento e à comparação entre Lineu e Gustavo III — pois se o progresso científico depende mais de substituir teorias do que de acrescentar observações (e de esperar até que essas coalesçam numa explicação adequada), e se todas as teorias são escoradas por preconceitos culturais, então qualquer processo de substituição exige o desvelamento das estruturas anteriores (meras roupagens protetoras, quaisquer que sejam suas virtudes).

Precisamos retirar dois disfarces, ou véus, para chegarmos a Gustavo III. Mas também podemos definir a história do nosso conheci-

mento sobre a ordem orgânica como um duplo desvelamento. Lineu é o foco e o símbolo do primeiro grande desvelamento. Darwin do segundo. Essa perspectiva contraria nossa antiga e desrespeitosa visão de Lineu como um velho notável, que acabou fracassando apesar de uma admirável paixão pela ordem. No entanto, estaremos livres para ver o grande sueco como um cientista dotado de um sistema brilhante e coerente, que substituiu proficuamente uma teoria constritora.

Darwin rompeu o segundo véu da natureza ao estabelecer a base explicativa da ordem natural sobre uma teoria de transformação evolutiva. Mas não se pode ter uma teoria apropriada da ordem antes de saber qual ordem deve ser explicada — e foi Lineu quem estabeleceu esse alicerce, com o seu método e prática da taxonomia. Se Lineu houvesse apenas coletado e codificado todas as informações desorganizadas que vinham se acumulando de longa data no primeiro estágio de Huxley, poderíamos dizer: “E daí? Alguém tinha que acabar fazendo isso. Lineu viveu na época certa, e teve sorte suficiente de possuir a combinação adequada de zelo e meticulosidade”. Mas Lineu não codificou apenas; ele desvelou. Seu sistema não agrupou apenas; ele substituiu um princípio diferente de organização, que ocultara a ordem da natureza de nossas vistas. Não podemos conceber Darwin sem Lineu, nem a evolução sem o conhecimento prévio da estrutura taxonômica.

O primeiro véu encobria a natureza com nosso pendor paroquial por um universo que teria sido construído para nós, ou segundo nossos termos. Ordenações artificiais baseadas em algum sistema de juízo humano, ou em algum princípio de nossos costumes mentais ou lingüísticos, não podem senão mascarar o verdadeiro arranjo genealógico da natureza. Considerem as teses dos sistematizadores mais famosos dos primórdios da história natural moderna — os grandes eruditos do século XVI Ulisse Aldrovandi, em Bolonha, e Conrad Gesner, em Zurique. Aldrovandi usou um sistema eclético, baseado em critérios variados (e às vezes contraditórios), organizados apenas segundo a noção de importância para os seres humanos (ou de perceptibilidade pelos humanos). Ele começou a sua *História dos quadrúpedes* com o cavalo, *quod praecipuum nobis utilitatem praebeat* (que possui uma utilidade especial para nós). Seu volume sobre aves mistura uma gama de critérios ao estabelecer seqüências de acordo com o interesse humano — das nobres (águias e gaviões considerados em primeiro lugar), às sábias (corujas), similares (morcegos, erroneamente incluídos), gran-

des (avestruzes) e assombrosas (grifos), até chegar aos papagaios, corvos e, por fim, a todas as pequeninas coisas que fazem piu-piu.

Gesner recorre ainda menos a noções de ordem natural, procedendo simplesmente pelo alfabeto latino em seu volume de 1551 sobre mamíferos — de *De alce* (Sobre os alces) até *De volpe* (Sobre as raposas). Gesner adota um princípio de “encadeamento de seres” — igualmente antropocêntrico, mas não tão artificial — nas seqüências de seus volumes posteriores: o segundo sobre aves, o terceiro sobre vertebrados terrestres de sangue frio. O volume quatro reúne todas as criaturas aquáticas, com ênfase maior nos peixes (próximo degrau descendente na escada dos vertebrados), mas também inclui sereias, medusas e polvos.

Não estou afirmando que ninguém questionara esses sistemas antropocêntricos antes de Lineu, nem que sua obra marcou uma súbita ruptura com essa tradição. Pelo contrário, Lineu representa o ápice e a codificação do trabalho de mais de um século de historiadores naturais de toda a Europa, ocupados com coleções reunidas do mundo inteiro. Mas seu lendário zelo e energia para o trabalho, sua memória formidável e sua capacidade de síntese engendraram uma série de livros — mais parecidos com produtos industriais do que com a obra de um homem — que estabeleceram tanto a prática como a estrutura da taxonomia moderna.

Lineu apresentou seu desvelamento da natureza em dois níveis. Primeiro, designou a espécie como a unidade básica e estabeleceu princípios para uma definição e nomeação uniformes. Segundo, organizou as espécies em um sistema taxonômico mais amplo, baseado numa busca da ordem natural, não na preferência ou na conveniência humana. O método binômico de Lineu tem sido usado, desde a publicação de seu *Systema naturae* (primeira edição de 1735; edição definitiva da taxonomia animal de 1758), como o critério oficial para nomear organismos. Lineu atribuiu a cada espécie um nome formado de duas palavras: a primeira (iniciada por uma letra maiúscula) representa o gênero (e pode ser partilhada por outras espécies aparentadas); e a segunda (chamada nome trivial, começando com uma letra minúscula) como a designação única e exclusiva da espécie. (Cães e lobos pertencem ao gênero *Canis*, mas cada um deve possuir um nome trivial para designar a espécie — *Canis familiaris* e *Canis lupus*, respectivamente, neste caso.)

Lineu não inventou esse sistema do nada, sentado em sua poltrona. Ele desenvolveu essa nomenclatura a partir da convenção usual de representar as espécies por uma seqüência de palavras latinas resumindo seus caracteres principais. Nesse sistema, a primeira palavra era escrita com a primeira letra maiúscula (pois começava a frase) e as outras eram todas minúsculas. Lineu primeiro experimentou regularizar a forma e a quantidade de palavras (um de seus sistemas iniciais permitia um máximo de doze palavras por espécie).

Mas ele então decidiu que um resumo do resumo, restrito a duas palavras, funcionaria melhor como instrumento de tabulação e padronização. Lamentou, a princípio, ter que abandonar a idéia básica de uma seqüência de palavras descrevendo com precisão as principais características de uma espécie — pois duas palavras não são suficientes (e talvez sequer se revelem apropriadas: muitos pensadores notaram que, por exemplo, Lineu pode ter errado espetacularmente em sua decisão mais famosa, nomeando-nos *Homo sapiens* em homenagem à nossa suposta sabedoria). Mais tarde, porém, percebeu que realizara algo imensamente útil e sagaz, sem que de início percebesse bem os motivos. O nome lineano para a espécie não é uma descrição, mas um “guardador de lugar” — um dispositivo legal que permite tabular e atribuir um nome exclusivo para cada entidade natural. Um sistema tão amplo e abrangente, baseado em milhões de itens únicos, teria que usar um mecanismo desse tipo e Lineu finalmente compreendeu que, ao buscar modos de descrição sinóptica, havia incorporado ao sistema um princípio necessário e fundamental de nomenclatura.

Mas foi a sua definição de espécie — não o seu mecanismo de nomeá-las — que codificou a mudança que desvelou a natureza. Pois a definição de Lineu rompeu com a presunção de um sistema centrado no ser humano, cujas unidades básicas eram definidas em termos das nossas necessidades e usos. Lineu proclamou que as espécies são as entidades naturais que Deus colocou sobre a Terra na criação. As espécies são suas, não nossas — e existem tal como são, independentemente de nossos caprichos. (Podemos ter dificuldade em reconhecer e definir uma espécie, mas isso não altera as ações de Deus.) Numa máxima famosa (número 157) do *Fundamenta botanica* (1736), Lineu proclamou: *Species tot sunt diversae quot diversas formas ab initio creavit infinitum Ens* (Existem tantas espécies quantas as diversas formas que o Ser Infinito criou no princípio).

Como fustigar criacionistas é um empreendimento elogiável, saudável e necessário hoje em dia, e os leitores talvez se perguntem por que estou elogiando essa evocação do poder de Deus para criar entidades imutáveis de uma só vez — ainda mais que Lineu introduziu essa idéia no lugar de noções anteriores mais vagas sobre definição e mutabilidade. Mas, como argumentei antes, a história da ciência progride dessa maneira — de teoria em teoria, ao longo de uma superfície complexa inclinada no sentido de uma maior adequação empírica, não por um caminho estreito e reto, como uma bola de neve cada vez maior de fatos acumulados. A mudança conceitual foi certamente enorme. De modo que, quando Darwin evocou a seleção natural em etapas ao invés de Deus criando tudo de uma só vez, não foi preciso nenhuma grande retificação prática. Pois as espécies são reais, tenham sido criadas por Deus ou evoluído pela seleção natural — e a mudança conceitual de Darwin, o segundo desvelamento, exigiu pouca revisão dos métodos lineanos.

(Lineu mais tarde se afastou da sua rígida insistência em Deus haver criado todas as espécies no início dos tempos. Em suas primeiras obras, ele proclama repetidamente, *nullae species novae* [nenhuma espécie nova]; em livros posteriores, passou a argumentar que novas espécies poderiam talvez se formar por hibridização entre pares da criação original. Chegou até mesmo a flertar com a idéia de Deus ter criado apenas uma fonte comum para cada gênero, ou mesmo para cada ordem, permitindo então que as espécies subseqüentes se formassem por hibridização. Alguns comentadores, acreditando injustamente que só podemos respeitar aqueles que julgamos certos pelos padrões de hoje, tomaram essas concepções tardias para representar Lineu como, no mínimo, um evolucionista recalçado. Mas tal estratégia deve ser rejeitada por dois motivos. Primeiro, Lineu claramente continuou sendo um criacionista. Não poderia haver duas coisas mais diferentes do que um sistema inteiramente genealógico (baseado em mudanças constantes e numa única linhagem comum para toda a vida) e a afirmação de que Deus fez inicialmente um número menor de formas e permitiu então que as demais preenchessem por combinação as lacunas de um sistema pré-ordenado. Segundo, Lineu foi um grande erudito em seus próprios termos, um homem que arrancou o primeiro véu da natureza tão certamente quanto Darwin retirou o segundo. Não precisamos vesti-lo na Armani para respeitar suas realizações.)

No segundo nível da organização das espécies em um sistema taxonômico maior, Lineu também rompeu com os esquemas anteriores de arranjos antropocêntricos ao insistir que as relações entre as espécies fossem vínculos de ordem natural, não de conveniência humana. Deus criara segundo um esquema racional; as espécies são itens que constituem o arcabouço de Deus; e os taxonomistas receberam a sublime incumbência de descobrir o plano de Deus nas inter-relações entre as suas espécies. (Os vínculos são ideológicos no sistema de Lineu, não genealógicos como no de Darwin — mas cadeias de implicações entre idéias não precisam ser menos sólidas do que vínculos de matéria em continuidade física.) Esse ponto-chave foi magnificamente expresso por uma fonte inesperada: Dag Hammarskjöld,* num discurso proferido no 250º aniversário do nascimento de Lineu, pois nenhum suco, qualquer que seja a sua profissão, pode relegar esse herói nacional: “Aqui o homem não é mais o centro do mundo, apenas uma testemunha. Mas uma testemunha que também é um parceiro na vida silenciosa da natureza, unido por afinidades secretas às árvores”.

A história da ciência é repleta de egos monumentais. Nenhum, porém, se compara ao de Lineu. Duvido que, antes de Muhammad Ali, alguém tenha superado a avaliação que Lineu fez de si mesmo, na terceira pessoa, em um de seus vários documentos autobiográficos:

Deus consentiu que ele espreitasse o seu armário secreto.

Deus permitiu-lhe ver mais da Sua criação do que qualquer outro mortal.

Deus concedeu-lhe maior discernimento para o estudo da natureza, maior que o de qualquer outra pessoa [...]

Ninguém antes dele reformou tão cabalmente toda uma ciência, instaurando uma nova era.

Ninguém antes dele ordenou todos os produtos da natureza com tamanha lucidez.

Arrogante, sem dúvida. Mas reparem que o armário, e tudo o que há nele, é de Deus. Se alguém com um ego tão incontido afirma, não obstante, que apenas descobriu a ordem de Deus e não que construiu a sua própria graças ao brilho transcendente da sua psique inigualável, então não posso senão supor que esse alguém realmente adotou a idéia de uma ordem natural independente da mente humana (mesmo em seu

(*) Diplomata, ex-secretário da ONU, morto em acidente aéreo. (N. E.)

apogeu lineano). Desconfiaria de tais afirmações se viessem de um homem mais modesto.

Na prática, Lineu classificou as plantas segundo a forma, a quantidade e a disposição de seus órgãos de frutificação — o chamado “sistema sexual” (veja uma exposição completa no próximo ensaio). Basicamente, ele dividiu as plantas em classes, de acordo com o número e a posição dos estames, e mais tarde dividiu as classes em ordens segundo o número de pistilos. Ironicamente, Lineu sabia que um sistema assim teria que ser artificial — uma imposição quase numerológica da lógica humana sobre a complexidade maior da natureza. Durante toda a sua vida, Lineu buscou um *methodus naturalis*, um “método natural” que apreendesse em sua hierarquia de nomes o arranjo objetivo de Deus — mas nunca chegou lá. A solução para esse problema teria que aguardar o segundo desvelador, já que nenhuma ordem racional de inteligência divina une as espécies. Os vínculos naturais são conexões genealógicas ao longo dos cursos contingentes da história — e esses vínculos, embora possam ser recuperados se soubermos como o sistema funciona, não se enquadram nos padrões de perfeita simetria ou complexa geometria que criacionistas como Lineu anteviam e, portanto, nunca conseguiram encontrar. Os véus discutidos neste ensaio não são uma camuflagem colocada pela natureza sobre seus produtos, mas impedimentos que nós mesmos construímos com nossas falsas teorias.

Como este ensaio começou com uma curiosa conjunção, devo encerrá-lo com uma das mais notáveis coincidências significativas. Onde começou o segundo desvelamento? Onde o mundo ouviu pela primeira vez os sons da revolução de Darwin? Em Londres, por certo, pois Darwin tornou-se uma pessoa caseira depois da sua viagem no *Beagle*, e nunca mais cruzou o canal da Mancha. Mas onde, em Londres? ✕

Quando o filho e sucessor de Lineu morreu em 1783, sua mãe e irmãs decidiram vender sua grande coleção — espécimes, armários, livros, cartas e manuscritos — pela maior oferta. Os restos da vida intelectual de Lineu foram comprados por James Edward Smith, jovem naturalista inglês, filho de um rico industrial de Norwich, pela extraordinária pechincha (mesmo pelos padrões do século XVIII) de pouco mais de mil libras.

Devemos agora considerar uma última conexão gustaviana. O rei encontrava-se na Itália e na França durante as negociações apressadas que levaram à venda da coleção. Muitos historiadores especulam que,

caso ele estivesse em Estocolmo e soubesse dos planos para deportar um tesouro nacional dessa grandeza, teria provavelmente intervindo (mais ainda porque um comprador sueco fora encontrado, mas somente depois de a venda ter sido legalmente concluída). A biografia sueca mais famosa de Lineu no século XIX afirma: “Se ele [Gustavo] houvesse sido informado em tempo hábil, é certo que teria se dedicado ao máximo para salvar as coleções preciosas para a sua pátria, especialmente quando consideramos seu desvelo pela honra sueca e sua grande admiração por Lineu”. Segundo uma história apócrifa — na realidade, apenas um boato persistente —, Gustavo III despachou um navio de guerra para interceptar o brigue que zarparia com as coleções de Lineu a bordo, mas o brigue tinha uma dianteira muito grande e conseguiu chegar em segurança a Londres.

Seja como for, Smith guardou os artefatos de Lineu como um tesouro durante toda a sua vida, e em perfeita boa ordem. Quando morreu, a coleção e os livros foram adquiridos por uma organização londrina incipiente, chamada Linnean Society. As peças ainda formam o relicário e são o centro dessa instituição, a principal sociedade britânica dedicada ao estudo da história natural. As coleções se encontram hoje em Burlington House, em Piccadilly, bem no centro de Londres. Uma vez visitei esse relicário e local de trabalho por um motivo eminentemente prático. O próprio Lineu dera o nome à espécie-tipo do gênero de caracóis que constitui o tema de minha pesquisa técnica. Essa espécie, *Cerion uva*, provém de Curaçao, e eu queria ter certeza de que o espécime de Lineu realmente representava essa espécie característica (veja o ensaio 27). Fui conduzido ao santíssimo sacrário e me foi concedido examinar o espécime. Lineu estava certo, mais uma vez: era, de fato, o *Cerion uva*, de Curaçao.

Quando Charles Darwin recebeu de Ternate* o manuscrito de Wallace e percebeu que seu jovem colega estava prestes a abiscoitar para si vinte anos de trabalho sobre seleção natural, recorreu a seus amigos para encontrar alguma saída honrosa, que reconhecesse tanto a sua prioridade como a descoberta de Wallace. Seus amigos propuseram a apresentação conjunta da monografia de Wallace e de alguns escritos anteriores, e inéditos, de Darwin. Darwin não compareceu a essa reunião, em 1858; ficou em casa, de luto pela morte de seu jovem filho.

(*) Ilha no leste da Indonésia. (N. T.)

Mas o encontro ocorreu — em Londres, nas salas da Linnean Society, no edifício que abrigava os espécimes do próprio Lineu. As monografias conjuntas foram publicadas no volume de 1858 das *Proceedings of the Linnean Society of London*.

Desse modo, o segundo desvelamento começou no lar transposto e na presença viva do primeiro — e o espectro de Lineu sorriu (sendo mais generoso e mais ecumênico do que o grande sueco em vida) diante das palavras de Darwin revelando uma base causal para a ordem natural que ele codificara. E o salmista entoou seu antigo cântico: “Vede como é bom, como é agradável habitar todos juntos, como irmãos”.

ORDENANDO A NATUREZA PELA SEXUALIDADE GERMINAL

William Hayley (1745-1820), poeta, biógrafo e patrono das artes, deve o seu pequenino cantinho de imortalidade quase inteiramente ao dístico heróico escrito por William Blake quando o relacionamento de ambos chegou ao fim:

*Tua amizade amiúde fez doer meu coração;
Sê, pois, meu Inimigo para salvar nossa Amizade.**

O abastado Hayley contratara Blake para estampar figuras para seus livros, e abrigara o grande poeta e ilustrador num chalé em sua propriedade perto de Chichester. Mas Hayley nunca entendeu o brilho idiossincrático de Blake, e ameaçava sufocar o seu gênio artístico com uma bondade filantrópica vinculada à expectativa de poemas e figuras mais brandas. Chamando Hayley de “inimigo da minha vida espiritual enquanto (aparenta) ser amigo do corporal”, Blake compôs seu famoso dístico sobre integridade artística e mudou-se de volta para Londres.

Mais ou menos na mesma época, outro conhecido de Hayley também estava escrevendo dísticos heróicos. Considerem estes versos de 1789 sobre o encontro de dois amantes no topo de uma montanha. A mulher alcança o ápice primeiro, e seu bem-amado vem em seguida:

*Versos
de
Erasmus
Darwin.*

*O íngreme caminho seu amor eleito busca,
Seguindo-lhe os tênues passos em marcas no orvalho;
Deleitado, Himeneu cede sua tocha para arder,
Ventos rondam o alcantil, e alumiam as trilhas tortuosas;*

(*) Thy friendship oft has made my heart to ache:/ Do be my Enemy for Friendship's sake.